

Mulheres e Futebol: a cobertura sobre o Brasileirão Feminino no site globoesporte.com¹

Women And Football: the coverage of the Brazilian Female Championship at globoesporte.com

MAGNOLIA REJANE ANDRADE DOS SANTOS

Doutora em Comunicação e Semiótica
Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
magnolia@reitoria.ufal.br

RAYSA BEATRIZ DA SILVA LEMOS

Graduada em Biblioteconomia
Mestranda do Programa de Pós- Graduação (PPGCI) em
Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas
raysablemos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta identificar e categorizar as notícias relativas ao Campeonato Brasileiro Feminino 2021 no site globoesporte.com. Aborda o conceito de gênero como um elemento diretamente ligado as relações sociais. Reflete sobre a divisão sexual do trabalho e os papéis sociais de gênero. Comenta sobre a presença da mulher no futebol. É uma pesquisa bibliográfica e quali-quantitativa. Apresenta a estrutura do Campeonato Brasileiro Feminino 2021. Aponta a desigualdade de gênero como a causa das discrepâncias entre o futebol masculino e feminino. Conclui que o site em questão realizou ampla cobertura do campeonato, pois noticiou todas as fases do campeonato.

Palavras-chave: Futebol feminino. Campeonato Brasileiro Feminino. Globo Esporte.

ABSTRACT

This paper aims to identify and categorize the news related to the Brazilian Female Championship 2021 on the globoesporte.com website. It approaches the concept of gender as an element directly linked to social relations. It reflects on the sexual division of labor and social gender roles. It comments on the presence of women in soccer. It is a bibliographic and qualitative-quantitative research. Presents the structure of the 2021 Brazilian Women's Championship. Points to gender inequality as the cause of the differences between male and female soccer. It concludes that the site in question carried out extensive coverage of the championship, seeing that it reported all phases of the championship.

Keywords: Women's football. Brazilian Female Championship. Globo Esporte.

¹ Artigo submetido para avaliação em 25 de setembro de 2021 e aprovado em 12 de novembro em 2021.

1 INTRODUÇÃO

O futebol é uma paixão nacional. De Norte a Sul há clubes tradicionais, rivalidades históricas e torcidas acaloradas. Contudo, apesar da história vitoriosa, sucesso e audiência do futebol masculino brasileiro, o futebol feminino ainda é subvalorizado e pouco comentado pelo grande público. Além disso, é comum que mulheres, fãs ou praticantes do esporte, sofram com preconceitos e hostilizações.

Desse modo, Moraes e Bonfim (2017) afirmam que há, desde o início da prática do futebol, diferenças de oportunidades para homens e mulheres onde o conhecimento e propriedade sobre o esporte é atribuído aos homens. As mulheres estão não estariam aptas para entender esse esporte. Compreendemos que as questões de gênero são determinantes para essa realidade.

Os papéis sociais de gênero são responsáveis por determinar o comportamento e as atividades dos homens e das mulheres. É comum que durante a infância as meninas recebam de presente brinquedos associados a vida doméstica, como bonecas e casinhas. Por outro lado, o instinto aventureiro e atlético dos meninos é estimulado com brinquedos como carrinhos e aviões.

É através dessa lógica que historicamente o futebol é visto como uma atividade essencialmente masculina. No Brasil, a prática desse esporte chegou a ser proibida para as mulheres durante a Ditadura Militar. O Decreto-Lei 3199/1941, por meio do Artigo 54, determinava que: “[...] às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941²). Essa proibição do Conselho Nacional de Desportos vigorou por quase quatro décadas, até o ano de 1979.

Atualmente, nota-se um avanço em relação a veiculação do futebol feminino na imprensa esportiva nacional, em especial ao Campeonato Brasileiro, também conhecido como Brasileirão Feminino. A competição teve sua fase final transmitida por grandes veículos de comunicação, como o canal SporTV, pertencente ao Grupo Globo, a Bandeirantes e o TikTok.

Entretanto, a subvalorização do esporte praticado por mulheres na mídia esportiva ainda é recorrente. Um estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) mostram que “[...] de toda cobertura esportiva mundial, apenas 4% do

² Saber mais em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>

espaço é dedicado às modalidades praticadas por mulheres [...]” (TERRA, 2021³). Vemos esse dado como um reflexo da dominância masculina que invisibiliza e apaga a presença e as conquistas das mulheres no meio esportivo.

O jornalismo esportivo é um tipo de jornalismo especializado, com o intuito de veicular notícias relativas ao meio esportivo. Dessa forma, percebemos o potencial da mídia para a consolidação e popularização das práticas esportivas. E para a divulgação de modalidades já populares, como o futebol. Nessa perspectiva, ao considerar a relevância do Brasileirão para o cenário do futebol feminino nacional, pelo fato de ser a competição de clubes mais importante do País, surge a inquietação de investigar a cobertura midiática referente ao torneio.

Dessa forma, a questão problema do presente artigo é: o que foi noticiado sobre o Campeonato Brasileiro Feminino na mídia esportiva nacional entre abril e setembro de 2021? Opta-se por esse recorte temporal porque ele abrange o período em que ocorreu a última edição da competição. Buscamos identificar e categorizar as notícias relativas ao campeonato. A coleta de dados foi realizada no site do Globo Esporte, um dos maiores portais do webjornalismo esportivo brasileiro.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GÊNERO

Conforme Scott (1995) o conceito de gênero abrange duas dimensões: a primeira o conceitua como um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas distinções existentes entre os sexos, já a segunda interpreta o gênero como uma forma de significação das relações de poder. Na visão de Adovasio, Soffer e Page (2009, p.41) o gênero é: “[...] um princípio cultural que os humanos colocaram no topo das diferenças biológicas [...]”. Outra concepção aborda o gênero como determinante para a desigualdade de poder entre os homens e as mulheres (FERREIRA et al, 2016).

Simone de Beauvoir ilustra em sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, que a absorção de conceitos e representações de gênero moldam os indivíduos, para a autora: “[...] Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário [...]”. (BEAUVOIR, 1967, p.9). O homem e a mulher são frutos do processo

³ <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/apenas-4-da-midia-esportiva-e-destinada-ao-esporte-feminino,4d33ef0b567af4577f1941d6ebaede9dt9otj3o8.html>

civilizatório. Esse fenômeno contribuiu para a instituição e manutenção da desigualdade de gênero e para as representações de gênero.

De acordo com o exposto, compreendemos o gênero como uma categoria intrinsecamente ligada as relações sociais e de poder. Ele está inserido nas instituições e setores da sociedade, tal como política, religião, educação, economia e cultura. Influi no comportamento dos indivíduos e na divisão sexual do trabalho.

Em relação a divisão sexual do trabalho, destacamos o pensamento de Hirata e Kergoat (2002). Essa divisão origina-se nas relações sociais entre os sexos e é essencial para a sua manutenção. Designar os homens para a esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva é a principal característica da divisão do trabalho. Dentro do conceito das autoras, são estabelecidos dois princípios, existentes em todas as sociedades, da divisão sexual do trabalho: separação e hierárquico. O primeiro estabelece trabalhos específicos para homens e mulheres, e o segundo determina que os trabalhos exercidos pelos homens são mais importantes.

Vale ressaltar que essas relações não são estáveis pois sofre alterações no tempo e no espaço, no entanto a distância entre os grupos sexuais. Em outras palavras, as condições femininas melhoraram ao longo do tempo, porém o sexo masculino ainda é detentor de poder no interior das relações sociais. Não há razões biológicas para a determinação de práticas trabalhistas femininas ou masculinas, as diferenciações são ocasionadas por construções sociais (HIRATA; KERGOAT, 2002; KERGOAT, 2003).

Entendemos a divisão sexual do trabalho como fator determinante para as noções de público e privado. Segundo Biroli (2014a), a esfera pública é atribuída aos homens, enquanto as mulheres são condicionadas à esfera privada. A autora traz que essas determinações são responsáveis por estereótipos de gênero prejudiciais para as mulheres, constantemente associadas a vida doméstica e responsáveis pelos cuidados familiares.

Nesse sentido, o poder masculino institucionalizado incorporou à vivência masculina aspectos relacionados ao controle jurídico e estatal. Em contrapartida, ocorreu a exclusão da mulher dos âmbitos citados (BIROLI, 2014b). A separação entre o público e o privado liga-se aos papéis sociais de gênero. A esse respeito, Ferreira et al (2014) diz que as mulheres são representadas como passivas, frágeis e emocionais, enquanto os homens são vistos com qualidades ativas, a exemplo de força e dinamismo.

É fato que na realidade ocidental as pautas e ações dos movimentos feministas e de mulheres ocasionaram diversas alterações no que concerne aos direitos da mulher na sociedade. As mulheres ocupam hoje espaços antes inacessíveis, todavia as desigualdades e

representações de gênero ainda são presentes na sociedade. Dentre os ambientes historicamente dominados por homens está o futebol, na próxima seção discutiremos acerca da inserção das mulheres nesse esporte.

3 MULHERES E FUTEBOL: um estigma

A inserção das mulheres no ambiente esportivo é permeada por tensões. Goellner (2005) apresenta que somente nas primeiras décadas do século XX o esporte feminino começou a se expandir, a partir da participação das mulheres na segunda edição das Olimpíadas Modernas. A autora expõe a existência de diversos discursos contrários a prática de esportes por mulheres:

[...] havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as rivalidades consentidas, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade dos movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina [...] (GOELLNER, 2005, p. 144).

Notamos a perpetuação dos papéis sociais de gênero que limitam e determinam os espaços e atividades desempenhados pelos indivíduos de acordo com o seu sexo biológico. Goellner (2005) destaca que nem todos os esportes eram vistos como inadequados para as mulheres, pois no início do século XX a ideia de fortalecer o corpo feminino, por meio de atividades físicas, era atrelada a formação de mulheres fortes e prontas para a maternidade. Mais uma vez, percebemos a presença dos papéis de gênero, quando a mulher é associada a domesticidade e cuidados com a família.

Esses discursos vigoraram no Brasil também. Esportes classificados como violentos não eram recomendados para as mulheres, por não se adequarem a personalidade e corpo feminino, dentre eles o futebol. Entretanto, identifica-se a prática do futebol feminino no País no início do século XX. A modalidade feminina desse esporte sofreu com proibições estatais que impediram o investimento dos clubes no futebol de mulheres (GOELLNER, 2005).

A respeito da proibição do futebol de mulheres, Silva (2015) enuncia que em 1979 a proibição do futebol feminino foi revogada, apesar disso o esporte feminino continuou enfrentando uma série de entraves por falta de investimentos e reconhecimento das autoridades esportivas nacionais.

Nos primeiros anos da década de 1980 surgiram os primeiros times e campeonatos femininos com alcance nacional. Ademais, alguns clubes criaram suas próprias equipes. Vale frisar estereótipos que cercam as jogadoras de futebol, como a masculinização e sexualização dos corpos femininos (GOELLNER, 2005).

Vale citar que o histórico de repressões que envolvem o futebol feminino nacional reflete-se através da pouca divulgação do esporte na mídia. É de conhecimento público as inúmeras conquistas da seleção masculina brasileira e os nomes de grandes jogadores. O mesmo não pode ser dito em relação ao futebol de mulheres.

Sobre essa problemática, Goellner e Kessler (2018) afirma que as conquistas do futebol feminino brasileiro são silenciadas, sub-representadas e invisibilizadas. A autora afirma que, apesar da seleção feminina de futebol configurar-se entre as melhores do mundo, seus resultados e títulos são pouco divulgados na mídia esportiva. Denuncia notícias que, ao invés de discorrerem sobre aspectos técnicos e performance das jogadoras, falam sobre a beleza das jogadoras. E reflete a respeito da pouca difusão dos campeonatos de futebol feminino, a exemplo de Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro, Torneio Internacional e Copa Libertadores da América.

[...] a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e, conseqüentemente, no incentivo para a sua prática, o pouco espaço, visibilidade e reconhecimento ao futebol praticado por mulheres têm promovido não apenas a marginalização das atletas nesse campo específico, como também a anulação simbólica de suas realizações [...] (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 37).

Em estudo relativo à relação entre a mídia e futebol feminino no Brasil, Santana e Badiali (2017) afirmam que a cobertura relativa ao futebol feminino exige um trabalho tão completo e preciso quanto o do futebol masculino. As autoras reiteram a necessidade de reflexão sobre as condições dos clubes femininos nacionais. Criticam o jornalismo esportivo por priorizar os conteúdos que geram mais lucro. E apontam o potencial da mídia esportiva para auxiliar transformações no futebol feminino nacional. Sobre a temática, Barreto (2017, p. 12) declara que:

Ao estudar as relações sociais, e particularmente as relações de poder presentes nos discursos associados aos esportes e especialmente ao futebol, percebemos que há a necessidade de uma maior visibilidade da prática do esporte por mulheres na cobertura da mídia e de uma representação mais realística e assertiva.

Nesse ínterim, enxergamos o silenciamento do futebol feminino na mídia esportiva como uma consequência da dominação masculina na sociedade. Se apenas homens são

importantes e aptos para o futebol, por que noticiar algo sobre mulheres? Ressaltamos mudanças recentes significativas para o futebol feminino nacional, como a criação da Coordenação de Competições Femininas na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a representatividade da atleta Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo.

Observamos que a presença feminina no meio futebolístico contém estigmas e preconceitos históricos. Embora essa realidade de pouca valorização e publicização do futebol feminino sofra alterações, a premissa de que futebol é “coisa de homem” permanece frequente no Brasil. Nesse sentido, Broch (2021) aponta a desigualdade de gênero como responsável pelas discrepâncias existentes entre o futebol masculino e feminino no Brasil, logo as estruturas distintas e a falta de incentivo institucional para o futebol feminino são reflexos dessa desigualdade.

3 BRASILEIRÃO FEMININO

O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A-1, organizado pela CBF, é a principal competição profissional de futebol feminino nacional. Além da A-1, elite do futebol feminino, o campeonato também ocorre nas categorias A-2, Sub-20 e Sub-18. A CBF (2021), por meio do Regulamento Específico da Competição, deliberou as condições para realização do torneio do ano de 2021. Participaram dessa edição dezesseis equipes. Durante a fase inicial os times duelaram entre si no sistema de pontos corridos em turno único. Os oito clubes com maior pontuação avançaram para as quartas de final, enquanto os quatro últimos foram rebaixados para a Série A-2. A terceira e quarta fase foram respectivamente, semifinais e finais. Realizaram-se partidas de ida e volta em todas as fases eliminatórias.

Os seguintes clubes participaram do Brasileirão Feminino 2021: Associação Esportiva Kindermann(SC), Clube de Regatas do Flamengo(RJ), Cruzeiro Esporte Clube(MG), Ferroviária Futebol S/A(SP), Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense(RS), Minas Brasília Tênis Clube(DF), Santos Futebol Clube(SP), São José Esporte Clube(SP), São Paulo Futebol Clube(SP), Sociedade Esportiva Palmeiras(SP), Sport Club Corinthians Paulista(SP), Sport Club Internacional(RS), Associação Napoli Caçadoreense(SC), Botafogo de Futebol e Regatas(RJ), Esporte Clube Bahia(BA) e Real Brasília Futebol Clube(DF).

Ressaltamos que as equipes da Série A do Campeonato Brasileiro são obrigadas a formarem equipes femininas pelo Licenciamento de Clubes da CBF, documento que normatiza as competições de futebol profissional. A mesma regra é adotada pela

Confederação Sul-Americana de Futebol para os clubes participantes das Copas Libertadores e Sul-Americana (MAGRI, 2019).

A edição 2021 do Brasileirão Feminino foi realizada entre 17 de abril e 26 de setembro. A grande final do campeonato foi disputada entre os clubes Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians, um dos clássicos regionais com mais tradição do Brasil. O Sport Club Corinthians conquistou o título. Botafogo de Futebol e Regatas, Minas Brasília Tênis, Associação Napoli Caçadoreense e Esporte Clube ocuparam as quatro últimas colocações e foram rebaixadas para a série A-2 2022.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Como já abordado, o objetivo do presente artigo é identificar e categorizar as notícias que tratam sobre o Brasileirão Feminino 2021 na mídia esportiva. Para alcançá-lo escolhemos, para a etapa de coleta de dados, o site globoesporte.com, vinculado ao Grupo Globo. A escolha foi motivada pela popularidade do site que se configura como um dos principais portais esportivos do webjornalismo nacional.

Em um primeiro momento, realizou-se pesquisa bibliográfica para a elaboração das seções referentes ao referencial teórico. A coleta de dados consistiu na identificação das notícias sobre o Brasileirão Feminino 2021. Foram excluídos os resultados que não abordavam especificamente da competição em questão, a exemplo de matérias sobre campeonatos sub-18 e estaduais, série A-2, olimpíadas, futebol feminino europeu e competições masculinas. Também foram excluídas as notícias em formato de vídeo, ligadas a canais como o SporTV do Grupo Globo. A análise de dados é quali-quantitativa.

5 RESULTADOS

Identificamos 108 (cento e oito) matérias acerca do Brasileirão Feminino 2021 no site do Globo Esporte. A busca foi realizada na página do site dedicada a esse torneio, e abrangeu notícias publicadas entre os meses de abril, início do campeonato, e setembro, mês em que ocorreram as finais. As matérias recuperadas foram lidas com o intuito de definir o seu assunto principal.

A partir da definição desses assuntos, estabelecemos 10 (dez) categorias, são elas: Calendário; Contratações; Domínio paulista; Eliminação e rebaixamento; Início da competição; Finais; Lesões; Primeira fase; Quartas de final; Semifinais e Visibilidade do

futebol feminino. O número de matérias inserida em cada categoria e seus respectivos percentuais estão dispostos, em ordem decrescente, na Tabela 1.

Tabela 1 – Categorias das matérias identificadas

<i>Categoria</i>	<i>Número de matérias</i>	<i>Percentual</i>
Primeira fase	64	59,25%
Quartas de final	11	10,19%
Semifinais	11	10,19%
Início da competição	6	5,55%
Eliminações e rebaixamento	4	3,70%
Finais	4	3,70%
Contratações	3	2,78%
Lesões	2	1,85%
Calendário	1	0,93%
Domínio paulista	1	0,93%
Visibilidade do futebol feminino	1	0,93%

Fonte: As autoras, 2021.

Como ilustrado, a primeira fase da competição é a categoria com maior percentual, pois representa 59,25% das notícias identificadas. Acreditamos que isso se deve ao fato de ser a fase mais longa do torneio e, conseqüentemente, equivale ao período de maior realização de partidas. Logo após a primeira fase, as categorias que se destacam referem-se aos confrontos de quartas e semifinais, ambas apresentam o percentual de 10,19%.

Figura 1 – Matéria sobre a primeira fase do Brasileirão Feminino 2021



Fonte: Globo Esporte, 2021.

As notícias presentes nessas categorias possuem conteúdo similar, onde há a descrição da partida. São abordadas as situações de cada time na tabela, detalhes dos gols, aspectos técnicos e táticos, entrevistas sobre os duelos, dentre outros. É importante ressaltar a atenção a questões técnicas do jogo, uma vez que historicamente o futebol feminino é visto como inferior ao futebol praticado por homens.

Em seguida, aparecem com maior destaque notícias sobre o início da competição – que discorrem acerca do calendário, clubes participantes e fases do campeonato –, eliminações e rebaixamentos – referentes aos times eliminados dos confrontos decisivos e rebaixados para a série A-2 –, e das finais do campeonato. Destacamos a porcentagem de matérias relativas as finais. Apenas 3,70% abordaram os dois jogos mais importantes do campeonato que, além disso, constituem-se como clássicos do futebol nacional.

Figura 2 – Notícia sobre o segundo jogo das finais do Brasileirão Feminino



Fonte: Globo Esporte, 2021.

Aspectos relativos aos reforços dos times para a temporadas, ou seja, as contratações, lesões das atletas e questões de calendário também foram noticiados. Destacamos uma matéria concernente exclusivamente ao domínio paulista na competição, destacada em itálico na Tabela 2, e outra, inserida na categoria primeira fase, que ao falar sobre a partida Palmeiras x Corinthians, disputada fase de grupos, cita a questão.

Tabela 2 – Matérias que abordam o domínio paulista no Brasileirão Feminino 2021

Título da Matéria	Data de Publicação
<i>Rivalidade paulista: Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo dominam o Brasileiro Feminino</i>	02/06/2021
"Estrelados", Corinthians e Palmeiras fazem clássico pela liderança do Brasileiro Feminino	09/05/2021

Fonte: As autoras, 2021.

Ambas as notícias relatam o maior grau de investimento dos clubes Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo, que contam com atletas renomadas em seus elencos. No total, seis times do Brasileirão Feminino 2021 são oriundos de São Paulo, o que equivale ao percentual de 37,50%. Um valor alto se comparado ao de outras regiões do País, como a região Nordeste que contou com apenas um representante na competição.

Chama atenção que apenas uma matéria recuperada aborda diretamente a questão da visibilidade do futebol feminino. A notícia em questão fala sobre a atuação da jogadora Janety, do clube Real Brasília, destaque da partida contra o Avaí/Kindermann por ter feito o gol da vitória nos acréscimos. A participação de Janety foi repercutida nas redes sociais da Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade máxima do futebol no mundo.

Figura 3 – Notícia sobre repercussão do gol da jogadora Janety

Vitória do Real Brasília no Brasileirão chama a atenção da FIFA nas redes sociais

A entidade homenageou a atacante Janety e elogiou partida contra o Avaí/Kindermann. Postagem diz: "Fale sobre uma estreia dos sonhos! Excelente material apresentado pela Janety e pelo Real Brasília"

Fonte: Globo Esporte, 2021.

A FIFA, assim como os órgãos esportivos nacionais, por muito tempo ignorou o futebol feminino. Prova disso é que a primeira Copa do Mundo feminina aconteceu no ano de 1991, seis décadas após a primeira Copa do Mundo masculina, realizada em 1930. Nesse sentido, Almeida (2019) traz que em 2016 a FIFA inclui, pela primeira vez, a palavra “gênero” nas proposições do seu Estatuto de Confederações, o que retrata mudança de postura da entidade na temática futebol feminino.

Vale destacar que o Estatuto mais recente da FIFA coloca a igualdade de gênero no futebol como um de seus objetivos. Ademais, cita o gênero em seção intitulada como “Não discriminação, igualdade e neutralidade”, disposta a seguir:

A discriminação de qualquer tipo contra um país, pessoa privada ou grupo de pessoas em razão de raça, cor da pele, etnia, origem social ou nacional, gênero, deficiência, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra opinião, riqueza, status de nascimento ou qualquer outro status, orientação sexual ou qualquer outro motivo é estritamente proibida e punível com suspensão ou expulsão (FIFA, 2021, p. 13, tradução nossa).

Além do Estatuto, que aborda a questão de gênero, existem documentos oficiais da FIFA⁴ dedicados exclusivamente ao futebol de mulheres como “Women’s Football Administrator Handbook”, “Women’s Development Program” e “Women’s Football Strategy”. Encontramos reflexões sobre a situação e visibilidade do futebol nacional em três matérias, classificadas em outras categorias, apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Matérias que abordam a visibilidade do futebol feminino

Título da Matéria	Data de Publicação
-------------------	--------------------

⁴ Os documentos oficiais da FIFA podem ser acessados através do seguinte link: <https://www.fifa.com/about-fifa/official-documents>.

Destaque no Corinthians, Vic Albuquerque vibra com clássico na final do Brasileiro: "Mais olhares para a gente".	12/09/2021
Única técnica entre semifinalistas, Lindsay projeta "pedreira" contra Corinthians e elogia seu grupo: "Jogam com a alma".	30/08/2021
Com duelo de campeões entre Corinthians e Napoli, Brasileiro Feminino começa neste sábado.	16/04/2021

Fonte: As autoras, 2021.

A Matéria 1 comenta sobre o aumento da visibilidade do Brasileirão Feminino 2021 ocasionado pelo dérbi paulista na final. Na notícia a jogadora Vic Albuquerque diz que atrair mais olhares para o torneio é relevante para o crescimento da modalidade. A Matéria 2 traz detalhes sobre o início e estrutura da competição e destaca a presença de “[...] quatro técnicas no comando, maiores investimentos e profissionalização de atletas [...]” (BARLEM, 2021⁵).

Já a última matéria aborda as semifinais entre Ferroviária e Corinthians. Nessa notícia a técnica Lindsay Camila, da Ferroviária, lamenta o fato de ter eliminado uma equipe dirigida por treinadora. Isso porque a Ferroviária eliminou o time do Santos, comandado por Tatiele Silveira. Lindsay Camila foi a única entre quatro técnicas do Brasileirão Feminino 2021 que conseguiu chegar até as semifinais, e relatou ao Globo Esporte que, apesar da alegria de chegar a terceira fase do torneio, considera a situação triste.

Passero et al (2020) analisou a participação de mulheres em cargos de liderança nas séries A-1 e A-2 do Campeonato Brasileiro Feminino entre os anos de 2013 e 2019. Os resultados da pesquisa mostraram hegemonia masculina em todos os cargos da comissão técnica (treinador, auxiliar técnico, preparador físico, massagista, treinador de goleiro e médico).

Na função de treinador os números mostram que 87% dos treinadores de equipes do Brasileirão, ao longo dos anos, eram homem, somente 17% mulheres. Os autores trazem que houve aumento lento e gradual da participação feminina nos cargos de comissão técnica, e

⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2021/08/29/unica-tecnica-entre-semifinalistas-lindsay-projeta-pedreira-contra-corinthians-e-elogia-seu-grupo-jogam-com-a-alma.ghtml>

atribuem a disparidade entre homens e mulheres no futebol as estruturas de poder que reproduzem a hierarquia de gênero (PASSERO et al, 2020).

Recorremos ao pensamento de Barreto (2015) que reflete sobre o termo “futebol feminino” por considerá-lo exclusivo. Já que existe apenas um futebol com as mesmas regras, por que especificar constantemente o gênero que o pratica? Notamos essa diferenciação de forma frequente nas notícias identificadas, o que evidencia a presença de fatores socioculturais no jornalismo esportivo.

6 CONSIDERAÇÃO FINAIS

O comportamento dos indivíduos é moldado por uma série de construções sociais ensinadas desde a infância. Dentre essas construções, encontra-se o gênero. Durante a história do mundo, estabeleceram-se diversas restrições e proibições direcionados ao gênero feminino. As mulheres tiveram seus direitos negados em todas as esferas da sociedade, em contrapartida a ordem patriarcal delega ao gênero masculino as posições de poder.

No esporte não foi diferente, em específico no futebol. Sob a justificativa “não é coisa de mulher”, o futebol feminino chegou a ser considerado crime durante trinta e oito anos no Brasil, e tornou-se um ambiente essencialmente masculino. Sabemos que não há impedimento biológico para inferir que mulheres não são aptas para a prática do futebol, logo a explicação para a desigualdade no futebol é encontrada nas estruturas de poder que delimitam os papéis sociais de gênero.

Sem dúvidas, o futebol é um dos esportes mais populares e acessíveis no Brasil, todavia as engrenagens patriarcais o afastam de meninas e mulheres brasileiras. A seleção masculina, única que participou de todas as Copas do Mundo e única pentacampeã, está sempre nos holofotes. As convocações e resultados são sempre noticiadas com destaque. O mesmo ocorre com os clubes masculinos, que possuem programas exclusivos e extensos sobre suas rotinas, partidas competições. O Brasil é o país do futebol (dos homens).

Entretanto, a realidade do futebol feminino brasileiro, aos poucos, começa a se alterar. Um dos motivos para a consolidação e aumento da visibilidade da modalidade é a criação e manutenção de competições como a Copa Libertadores, a nível continental, e a Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro Feminino – realizado desde 2013 –, a nível nacional. Vale destacar também as ações das entidades de futebol para o fortalecimento do futebol feminino.

Mais um exemplo é encontrado na diferença entre as premiações, o campeão do Brasileirão Feminino 2021 faturou R\$ 290 mil, o valor corresponde a apenas 0,87% da premiação oferecida ao clube vencedor do Campeonato Brasileiro de Futebol equivalente a

R\$ 33 milhões (UOL, 2021). É fato a existência de um abismo entre o futebol masculino e feminino. A estrutura da modalidade masculina possibilita maiores salários, investimentos, condições de trabalho e reconhecimento.

Para que o futebol de mulheres se desenvolva ainda mais no Brasil é preciso que as barreiras de gênero sejam quebradas, tanto no âmbito estatal através de políticas públicas, quanto no social, com a percepção de que o ambiente esportivo não é exclusivamente masculino. Por essa perspectiva, a mídia esportiva assume papel decisivo para a popularização da modalidade.

Nesse artigo, escolhemos analisar as notícias relativas ao Brasileirão Feminino 2021 no site globoesporte.com, por considerar a mídia esportiva necessária para a circulação de notícias. Constatamos uma ampla cobertura do site que contém matérias acerca de todas as fases do torneio. Além disso, é interessante o destaque para aspectos táticos do jogo e atuações de jogadoras, visto que o discurso dominante patriarcal coloca a mulher como incapaz de compreender detalhes técnicos do jogo de futebol.

Não podemos esquecer, a existência de interesses comerciais do Grupo Globo, dado que foi um dos detentores dos direitos de transmissão das fases finais do Brasileirão Feminino 2021. Não obstante, consideramos a cobertura completa de um grande canal de comunicação positiva para o avanço do futebol feminino nacional.

REFERÊNCIAS

ADOVASIO, J.M.; SOFFER, O.; PAGE, J. **Sexo invisível**: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Tradução de Hermano de Freitas. Rio de Janeiro, Record, 2009.

ALMEIDA, C. S. de. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 72–87, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>. Acesso em: 11 out. 2021.

BARLEM, C. Única técnica entre semifinalistas, Lindsay projeta "pedreira" contra Corinthians e elogia seu grupo: "Jogam com a alma". Dona do Campinho. Globo.com. 29/08/2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2021/08/29/unica-tecnica-entre-semifinalistas-lindsay-projeta-pedreira-contra-corinthians-e-elogia-seu-grupo-jogam-com-a-alma.ghtml> Acesso em: 11 out. 2021.

BARRETO, S. J. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1055-1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

BARRETO, S. J. Mulheres em notícia: a cobertura midiática da seleção feminina de futebol nas olimpíadas do Brasil. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11., 2017. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457700_ARQUIVO_artigooolimpiadasfazendo.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BIROLI, F. O público e o privado. *In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. Feminismo e política*: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

BIROLI, F. Justiça e família. *In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. Feminismo e política*: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 16 abr. 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 11 out. 2021.

BROCH, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 13, n.1, ed. 35, p. 695-905, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF. **Regulamento específico da competição**: campeonato brasileiro feminino A-1 – 2021. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1>. Acesso em: 14 out. 2021.

FERREIRA, M. *et al.* **Direitos iguais para sujeitos de direito**: empoderamento de mulheres e combate à violência doméstica. São Luís: EDUFMA, 2016.

FIFA. **FIFA statutes**: may 2021 edition. maio. 2021. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/7e791c0890282277/original/FIFA-Statutes-2021.pdf> Acesso em: 11 out. 2021.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16590>. Acesso em: 8 out. 2021.

GOELLNER, S.V; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, abr./maio/jun. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/148685/146121>. Acesso em: 10 out. 2021.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmDsBWQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2021.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In: EMÍLIO, M. et al.* (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. *E-book*. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf#page=55>. Acesso em: 25 set. 2019.

MAGRI, D. Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019. **El País Brasil**. [Uberlândia], 13 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html. Acesso em: 11 out. 2021.

MORAES, C. F; BONFIM, A. F. Mulher no futebol: no campo e nas arquibancadas. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES*, 5., 2017. Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Realize, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-v-enlacando>.

PASSERO, J. G. *et al.* Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 26, p. 1-18, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acesso em: 11 out. 2021.

SANTANA, A. M. P. R. de; BADIALLI, M. F. A visibilidade do futebol feminino no Brasil: uma análise descritiva das publicações do Sportv E Planeta Futebol Feminino. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 19., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1871-1.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SILVA, G. C. e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_6bd1dc835a5d8a4cf6c41be5fe28c597. Acesso em: 26 set. 2021.

TERRA. **Apenas 4% da mídia esportiva é destinada ao esporte feminino**. [São Paulo], 19 jul. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/apenas-4-da-midia-esportiva-e-destinada-ao-esporte-feminino,4d33ef0b567af4577f1941d6ebaede9dt9otj3o8.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

UOL. **Brasileiro feminino paga ao campeão Corinthians 0,87% do prêmio da Série A**. [São Paulo], 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/09/27/brasileiro-feminino-premio-representa-087-do-valor-de-titulo-na-serie-a.htm>. Acesso em: 11 out. 2021.